

---

## UMA TARDE COM DAVID

MARÍLIA BRITO

Tive o privilégio de conhecer pessoalmente e conversar toda uma tarde com David Mourão-Ferreira, em sua casa, a escassos dois meses e meio da sua morte.

Nesse primeiro encontro, eu estava longe de imaginar que seria o último, embora soubesse que o poeta se encontrava muito doente e o seu aspecto físico corroborasse essa dolorosa e irreversível realidade. Mas a sua gentileza, a sua simplicidade, o seu genuíno interesse pelo meu trabalho, as suas recordações singelamente partilhadas comigo, a sua lucidez intelectual e - porque não confessá-lo? - a sua ternura, como se já fôssemos dois bons e velhos amigos, fizeram esquecer a mim - e talvez a ele - que os seus dias estavam irremediavelmente contados.

Recordo ainda, com infinita saudade, aquela tarde quente e solarenta de 28 de Março de 1996 em que David Mourão-Ferreira, depois de frequentes contactos telefónicos sempre muito gratificantes, aceitou conhecer-me, num gesto de extrema simpatia tão peculiar nele, chegando até a adiar, por 24 horas, mais um internamento no Hospital da Cuf, hospital esse onde viria a falecer, na manhã de 16 de Junho.

Mostrou-se encantado pelo facto de eu ter escolhido a sua Obra para fazer uma tese de doutoramento e prometeu ajudar-me em tudo o que estivesse ao seu alcance. De uma humanidade, cultura e simplicidade extremas, conversou horas a fio. Ninguém diria que estava tão doente, tal o seu entusiasmo contagiante e a sua generosa disponibilidade.

Logo no primeiro momento, fui recebida pelo poeta e sua esposa Pilar. Pouco depois, esta teve de se ausentar, e o David convidou-me para irmos tomar um café, do outro lado da rua, mesmo em frente à sua casa, -*“onde a bica era muito saborosa”*.

**UMA TARDE COM DAVID**

Pelo caminho, andando penosamente, foi cumprimentando várias pessoas que se acercavam dele para lhe desejarem um pronto restabelecimento, numa atmosfera de amizade sincera e quase devoção. Desculpou-se de o local não ser muito confortável, de termos de ficar de pé... mas senti que era um *habitué*, pela familiaridade respeitosa com que foi tratado. Quando mostrei vontade de ser eu a pagar os cafés, mostrou-se ternamente escandalizado!

De regresso a casa, fumando o seu inseparável cachimbo - a sua imagem de marca - confidenciou-me, com uma sinceridade tocante e uma fé inquebrantável, a esperança de ainda vencer a doença. Falei-lhe de um familiar meu que tinha passado por momentos difíceis análogos aos seus e que os tinha ultrapassado. Agarrou-se às minhas palavras como a uma tábua de salvação. Foi uma deliberada meia-mentira de que nunca me arrependerei, compensada pela expressão luminosa do seu rosto, já tão castigado pela cruel doença.

Instalámo-nos na ampla e acolhedora sala-de-estar, cujas paredes eram literalmente forradas por estantes de livros e quadros de autores consagrados e onde, em lugar de destaque, se via a escultura de uma mulher esplendidamente cinzelada em mármore de Cascais, em tons castanhos e dourados. Imediatamente reconheci ser da autoria do seu amigo, escultor Francisco Simões, pois ilustra a capa da primeira edição da Antologia de David Mourão-Ferreira - *OBRA POÉTICA 1948-1988*. Aos meus entusiásticos elogios à referida escultura, o poeta contrapôs a intenção de lhe substituir o plinto, por um mais leve e pequeno, em acrílico, pois sempre achara que aquele que tinha destoava da beleza e elegância daquela maravilhosa peça de arte. Senti que ele devotava um grande amor àquela verdadeira obra-prima, talvez porque era o símbolo da Mulher que o poeta tão magistralmente cantou na sua vasta Obra, o seu *axis mundi*, pois ... - "*Sempre se lhe afigurou que a mulher participa, muito mais do que o homem, do que há de cósmico no humano; e do que há de humano no divino tanto no humano como no cósmico*"; e, certamente também, porque era o testemunho da admiração e da amizade de um companheiro e colaborador de longa data - o referido escultor Francisco Simões, cujas esculturas ilustram as capas de várias obras de David, nomeadamente as sucessivas edições do seu romance *UM AMOR FELIZ*.

10

Incansavelmente, recordou amigos comuns como o poeta Albano Martins e a sua esposa Maria da Conceição, tentando em vão recordar-se do "*petit nom*" desta sua boa amiga; lamentando que o seu amigo estivesse "*lá no Norte, tão longe*"; elogiando a sua biblioteca que tantas vezes visitara e cobiçara, aconselhando-me, vivamente, a que não deixasse de a conhecer (o que prontamente fiz, encantada!); contando-me episódios ocorridos em viagens que os três fizeram, designadamente a última, em 1993, ao Brasil, e a recusa de um convite para sobrevoarem o Rio de Janeiro de helicóptero... Segundo me confidenciou, já tinha feito esse mesmo passeio duas vezes: uma com Mário Soares e outra com um amigo brasileiro. - "*Três vezes seria demais!*" - justificou ele. Aliás, confirmou-me, divertido, o que eu já há muito sabia: a sua aversão às máquinas, a todas as máquinas! Nunca tirara a carta de condução, nunca usara uma máquina de escrever e muito menos um computador...

Depois de evocar nomes como Óscar Lopes, Urbano Tavares Rodrigues, Arnaldo Saraiva (- "*está neste momento na Argentina?*"), Luís Amaro, entre outros, lembrou a grande amizade que o unia à minha orientadora de tese, a Professora Pilar Vázquez Cuesta, da Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela, recordando, entre muitos outros episódios interessantes, o facto de ter pertencido a um Júri de Doutoramento, com ela e outros colegas vindos de Salamanca, de Sevilha e de Barcelona (este último, - "*Basílio Lozada, de uma simpatia extrema...*"), e em que foi defendida uma "*belíssima*" tese sobre Almada Negreiros. Visivelmente contente, mencionou a então recente publicação dos dois últimos volumes (o primeiro, duplo - nºs 137/138 e o segundo, simples - nº139) da prestigiada revista COLÓQUIO/Letras, de que era Director, totalmente organizados pela Professora Pilar - a quem deu "*carta branca*" -, numa merecida homenagem à Galiza e à sua Literatura, Literatura essa que ele tão bem conhecia e admirava.

A uma apreciação minha sobre a sumptuosidade do novo visual da revista da Fundação Calouste Gulbenkian, David apressou-se a comentar: - "*merece ser tocada com reverência!*" E teceu os mais rasgados elogios à sua colaboradora e Directora-adjunta da COLÓQUIO/Letras, Joana Morais Varela.

Encaminhei o diálogo para o facto de ele ter escrito as letras de uma vintena de fados para Amália Rodrigues cantar, e de lhe ter dedicado a ela e a Margarida Homem de Sousa (uma antiga aluna sua da Faculdade), a sua colectânea de poesia. À

*GUIARRA E À VIOLA (1954-1960)*. Agradado, desfilou pormenorizadamente as circunstâncias em que conheceu a fadista (em 1952, por intermédio do seu futuro cunhado, Rui Valentim de Carvalho, irmão da que viria a ser a sua primeira esposa e mãe dos seus dois filhos), e como começou a escrever para Amália. As suas recordações eram tão indelévels que começou a recitar-me alguns versos da letra do primeiro fado, o "Fado Primavera", que resultou da adaptação de parte do poema "Écloga", do seu primeiro livro de poesia, *A SECRETA VIAGEM*: - " *que importa que o coração / diga que sim ou que não, / se continuar a viver?! / E condenaram-me a tanto: viver, viver... e sem ti! / Vivendo, sem no entanto / me ausentar daquele encanto / que nesse instante perdi...!!*". Dir-se-ia que o tempo recuara mais de quatro décadas, a passos gigantes e irrefreáveis...

Ainda a propósito desta estreita e longa colaboração com a incomparável Amália, o poeta revelou-me um "segredo" que a fadista ainda desconhecia: a preparação de um CD intitulado *AMÁLIA CANTA DAVID*, acompanhado de um pequeno opúsculo em que, através de uma entrevista entre o seu filho David Ferreira e ele próprio, - "*...além dos versos e até de variantes desses versos, esteja a história...*" Aqui, interrompendo a linha do seu pensamento, chamou-me a atenção para o facto curioso de, quando ele começou a escrever letras para a Amália cantar, ainda o seu filho não nascera... - "*E agora será o editor dela! Engraçadas estas coisas!*" - acrescentou sorrindo, sem completar o raciocínio anterior. Explicando, orgulhoso, o propósito de seu filho ao editar o referido CD, o poeta acrescentou: - "*Ele acha que é um caso curioso na história da música ligeira e da poesia não ligeira... este cruzamento todo, e que se podem tirar ilações de ordem cultural, de ordem política, de ordem poética, de ordem musical...*"

Reportando-me ao belíssimo CD - *UM MONUMENTO DE PALAVRAS* - posto à venda por altura do Natal anterior (uma edição EMI-Valentim de Carvalho para a Cruz Vermelha Portuguesa), e em que David diz maravilhosamente a sua própria poesia, comentei que, apesar de Eduardo Prado Coelho e Clara Ferreira Alves, entre outros, assegurarem, nas suas crónicas, que se ouvia o ruído de um carro a rodar lá fora, o vento a passar pelas frinças da janela (foi gravado pelo filho, em casa) e o virar da folha de papel, eu nada ouvira... Ele concordou comigo, sorrindo, e exclamou: - "*É o excesso de zelo do meu filho!*"

O nosso diálogo foi interrompido pela chegada de uma equipa de televisão que vinha estudar o *décor* e a iluminação para um programa a ser gravado na semana seguinte. Também uma rapariga, a porteira do prédio, veio oferecer umas flores brancas, muito frescas e lindas, ao "Senhor Doutor". Este gesto singelo, testemunho de uma ternura sincera, comoveu intensamente o poeta.

Entretanto a Inácia, a antiga e fiel empregada alentejana (por quem eu ia sabendo, via telefónica, da evolução da doença do poeta, quando este estava internado no hospital), trouxe-nos o lanche, pretexto para o "Senhor Doutor" tomar uns quantos comprimidos por ela seleccionados, atenta e carinhosamente. Enquanto tomávamos o chá, eu quis saber quais tinham sido os filósofos que mais o marcaram, ao que David, após uns segundos de concentração, respondeu:

*- "Eu creio que, enfim, um ou outro... Mas foram muito mais escritores, ficcionistas, poetas, ensaístas e críticos literários do que propriamente filósofos. Mais na ordem da criatividade... Foram os criadores em prosa e em verso que mais me influenciaram, porque foram esses que eu li mais e são esses, ainda hoje, que eu continuo a ler. Se quisesse, um dia tentaria fazer-lhe uma lista dos autores que mais me marcaram. Entretanto, até por necessidade de ordem profissional, houve alguns filósofos... os que se debruçaram mais sobre os problemas da Poesia: Aristóteles e Platão... mais o Aristóteles por uma questão de concordância e Platão por uma questão de encantamento poético. Depois, filósofos medievais... muito poucos, sou um leitor ocasional e fugidio de filósofos... Bem, li um bocadinho mais, quando era estudante, o Pascal, o Descartes, o Montesquieu (não sei bem se se pode considerar um filósofo ou não, mas foi um autor muito da minha preferência...); e depois um pouco de Nietzsche, mas também pelas implicações literárias. Não creio, de qualquer modo, que a filosofia tenha sido uma fonte de inspiração nem de enriquecimento de baterias..."*

Falei-lhe do quanto tinha adorado ler o seu "diário", escrito em Paris, aquando um curso que fizera na Sorbonne, muito jovem ainda. A este respeito, sorrindo uma vez mais, confessou-me que também era "outro propósito" que tinha: - "publicar dois anos, pelo menos dois anos, desse diário (47 e 48)... - São OS ÍNTIMOS DEGRAUS - interrompi eu. Concordando, assegurou que tinha sido essa a sua primeira intenção, mas que seu filho - "caso curioso, nos últimos anos interessa-se

*muito por tudo quanto faço!*" - achava preferível chamar-lhe só  
*DIÁRIO ÍNTIMO / 1947-1948.*

26

O tempo voava, naquela atmosfera mágica. Eu tinha tanta coisa para perguntar, mas não o queria cansar mais. Entretanto, ele próprio tomou a iniciativa de recordar as inúmeras viagens que fizera, qual "caixeiro viajante", pois tinha alunos e alunas seus que eram leitores em diversas universidades estrangeiras e que estavam sempre a convidá-lo, para além de outras solicitações dos mais variados organismos. Enumerou os países que visitara, muitos deles por variadíssimas vezes, todos os continentes, as suas preferências, as particularidades de cada um. Gostei de saber daquela senhora que insistira para que ele fosse até à África do Sul (-"onde fui principescamente recebido!") e que fez uma tese de doutoramento sob o título *A Religiosidade em David Mourão-Ferreira*.

Foram incursões sucessivas ao passado, que o fizeram reviver e esquecer, por umas horas (encantatórias para mim!), a cruel realidade, a ponto de fazer projectos, muitos deles com a generosa intenção de me ajudar no trabalho de pesquisa sobre a sua Obra. Prometeu, ainda, responder por escrito a umas perguntas que, em jeito de entrevista, eu lhe enviara pelo correio. Aliás, logo no dia em que recebera a minha carta, teve a amabilidade, tão espontânea nele, de me telefonar para o Porto, assegurando que tinha gostado muito do teor das perguntas, e desejando saber se eu queria que me respondesse, naquele momento, pelo telefone. Consciente de que não se sentia nada bem de saúde, por causa dos dolorosos tratamentos de quimioterapia, respondi-lhe que não era urgente, que havia muito tempo para isso. Lamentavelmente, o agravamento súbito do seu estado físico não lhe permitiu cumprir o prometido, como tanto desejara, nem tão-pouco voltar a conversar longamente comigo, em sua casa, como da primeira e única vez. Ele era assim: de uma bondade e êncanto extremos. Levou-me ao seu escritório e ofereceu-me vários exemplares da sua obra, com dedicatórias lindas de ternura e estímulo. Quando, falando na possível defesa da tese, eu lhe disse que seria para mim uma grande alegria que ele fizesse parte do Júri, sorriu e respondeu prazenteiramente: - "*Não posso, eu sou o objecto*".

O fim da tarde chegou e com ele um grupo muito jovem de mestrandos que vinham trabalhar com o Professor. Apresentou-me com termos elogiosos aos seus pupilos, e eu

quis vir embora sozinha, o que o David não consentiu, fazendo questão absoluta de me levar à porta e despedir-se de mim com um grande abraço de muita amizade. Sempre um senhor encantador! E várias vezes, ao longo da tarde: - "*Por favor, não me trate por Professor!*".

Já no regresso ao Porto, relembro aquela tarde, eu sentia uma saudade imensa e uma sensação inexplicável de perda. Telefonei-lhe na manhã seguinte a agradecer todo o carinho com que me recebera e a desejar-lhe prontas melhoras, pois ia para o hospital nessa altura. Nunca mais voltou a atender o telefone. Nunca mais o vi. Mas está e estará sempre no coração das pessoas que tiveram a graça especial de cruzar com ele, nem que tenha sido uma só vez!